



# Jennifer Ashley

Vencedora do Prémio RITA para Melhor Romance

## A LOUCURA *de Lorde* Ian Mackenzie

Ele não se achava capaz de amar,  
até que ela surgiu na sua vida.

TOP  
SEL  
LER

# Capítulo Um

*Londres, 1881*

— **C**omparo uma taça Ming ao seio de uma mulher — disse Sir Lyndon Mather a Ian Mackenzie, que segurava a peça em questão nas pontas dos dedos.

— A forma arredondada, a palidez leitosa. Não concorda?

Ian não conseguia imaginar uma mulher que se sentisse lisonjeada por ver o seu seio comparado a uma taça, pelo que não se dignou, sequer, a um aceno de cabeça.

O delicado objeto era do princípio da dinastia Ming, a porcelana com um leve vidrado verde e os lados tão finos que Ian conseguia ver a luz através deles. Três dragões cinzento-esverdeados perseguiam-se uns aos outros do lado de fora; no fundo, quatro crisântemos pareciam flutuar. A taça poderia conter um pequeno seio redondo, mas isso era o mais longe que Ian desejava ir.

— Mil guinéus — declarou.

O sorriso de Mather esmoreceu.

— Então, meu senhor, pensava que éramos amigos.

Ian questionou-se onde Mather teria ido buscar semelhante ideia.

— A taça vale mil guinéus. — Acariciou com os dedos o bordo ligeiramente lascado, a base gasta por séculos de manuseamento.

Mather parecia abalado, os seus olhos azuis cintilando no rosto excessivamente belo.

— Paguei mil e quinhentos por ela. Explique-se.

Não havia nada para explicar. O cérebro de Ian absorvera cada qualidade e cada falha num rápido cálculo de dez segundos. Se Mather

desconhecia o valor das suas peças, colecionar porcelanas não era negócio para ele. Havia pelo menos cinco falsificações no expositor de vidro do outro lado da sala, e Ian apostava que Mather nem suspeitava disso.

Ian encostou o nariz ao vidrado, apreciando o cheiro puro que sobrevivera ao pesado fumo de charuto da casa de Mather. A taça era genuína, era bela, e ele queria-a.

— Dê-me pelo menos o que paguei por ela — sugeriu Mather, com indícios de pânico na voz. — O homem disse-me que estava a comprá-la por uma ninharia.

— Mil guinéus — repetiu Ian.

— Caramba, homem, vou casar-me.

Ian recordou-se do anúncio que vira no *Times* — palavra por palavra, porque ele recordava sempre tudo palavra por palavra:

*Sir Lyndon Mather de St. Aubrey's, Suffolk, anuncia o seu noivado com a senhora Beth Ackerley, viúva de Sir Thomas Ackerley. O casamento realizar-se-á no dia 27 de junho deste ano em St. Aubrey's, às 10 horas da manhã.*

— As minhas felicitações — disse Ian.

— Quero comprar um presente à minha amada com o dinheiro que obtiver pela taça.

Ian não desviou o olhar do objeto.

— Porque não lhe oferece a própria taça?

A gargalhada sentida de Mather encheu a sala.

— Meu caro amigo, as mulheres não percebem nada de porcelana. Ela preferirá uma carruagem com uma boa parelha de cavalos e uma fila de criados para carregarem todas as suas bugigangas. É o que lhe darei. Ela é uma mulher bonita, filha de um qualque franciú aristocrata, apesar de já não ser nova e ser viúva.

Ian não respondeu. Provou a taça com a ponta da língua, refletindo que esta era muito superior a dez carruagens com boas parelhas. Qualquer mulher que não percebesse a sua poesia era uma tola.

Mather franziu o nariz quando Ian lambeu a taça, mas fora assim que este aprendera a testar a autenticidade do vidrado. Mather não seria capaz de distinguir um vidrado genuíno nem que alguém o pintasse com ele.

— Ela tem uma enorme fortuna — prosseguiu Mather — que herdou daquela mulher Barrington, uma velhota rica que não guardava as opiniões. A senhora Ackerley era a sua discreta dama de companhia, e foi quem ficou com tudo.

*Nesse caso, porque vai casar contigo?* Ian rodou a taça nas mãos enquanto especulava, mas se a senhora Ackerley queria fazer a sua cama com Lyndon Mather, que se deitasse nela. Claro que poderia encontrá-la demasiado povoada. Mather mantinha uma casa secreta onde a amante e várias outras mulheres lhe satisfaziam as necessidades, algo que gostava de alardear junto dos irmãos de Ian. *Sou tão decadente como qualquer de vós*, era o que ele tentava transmitir. Porém, na opinião de Ian, Mather era tão entendido em prazeres carnais como em porcelana Ming.

— Aposto que o surpreende que um solteirão dedicado como eu se prepare para dar o nó, não é? — prosseguiu Mather. — Caso esteja a perguntar-se se pretendo desistir do resto, a resposta é não. Sabe que é bem-vindo, sempre que quiser aparecer. O convite estende-se aos seus irmãos.

Ian já conhecera as mulheres de Mather, criaturas de olhares vazios que lhe aturavam as perversidades em troca de dinheiro.

Mather tirou um charuto.

— Esta noite vamos à ópera em Covent Garden. Venha conhecer a minha noiva. Gostava de saber a sua opinião. Toda a gente sabe que tem tão bom gosto para mulheres quanto para as porcelanas. — Riu-se.

Ian não respondeu. Urgia resgatar a taça das mãos daquele filisteu.

— Mil guinéus.

— É um homem duro, Mackenzie.

— Mil guinéus, e encontramo-nos na ópera.

— Oh, está bem. Mas o senhor arruína-me.

Ele arruinara-se a si mesmo.

— A sua viúva tem uma fortuna. O senhor recuperará.

Mather riu-se, com o belo rosto agora iluminado. Ian já vira mulheres de todas as idades corarem ou abanarem leques quando Mather sorria. O homem era um mestre da vida dupla.

— É verdade e, além disso, é adorável. Sou um homem de sorte.

Mather tocou para chamar o seu mordomo e o criado de Ian, Curry. Curry apareceu com uma caixa de madeira forrada com palha, na qual Ian guardou cuidadosamente a taça dos dragões.

Ian detestava cobrir uma tal beleza. Tocou-a uma última vez, com o olhar fixo nela, até Curry lhe interromper a concentração, colocando a tampa na caixa.

Quando ergueu o olhar, percebeu que Mather mandara o mordomo servir *brandy*. Ian aceitou um copo e sentou-se em frente do livro de cheques que Curry pousara na secretária.

Ian pousou o *brandy* e mergulhou a pena na tinta. Inclinou-se para escrever e a sua atenção deteve-se na gota de tinta, uma esfera perfeita, suspensa da pluma.

Fitou a gota, algo dentro dele exultando pela sua perfeição, a viscosidade cintilante que a conservava suspensa no extremo da pena. A esfera era perfeita, brilhante, um prodígio.

Desejou poder saborear para sempre aquela perfeição, mas sabia que num segundo ela podia tombar da pena e perder-se. Se o seu irmão Mac fosse capaz de pintar algo tão belo, uma maravilha assim, Ian apreciá-la-ia como um tesouro.

Não fazia ideia de quanto tempo ficara ali sentado, examinando a gota de tinta, quando ouviu Mather dizer:

— Caramba, ele é mesmo doido, não é?

A gota escorreu, caiu e espalhou-se sobre a folha, desaparecendo em salpicos de tinta preta.

— Eu escrevo por si, está bem, meu senhor? — Ian olhou as feições rústicas do criado, um jovem do East End londrino que, durante a adolescência, percorrera toda a cidade de Londres a roubar carteiras.

Ian acenou com a cabeça e abandonou a pena. Curry virou o livro para si e preencheu o cheque com cuidadosas letras maiúsculas. Voltou a mergulhar a pena na tinta e entregou-a a Ian com a ponta para baixo, para que este não visse a tinta. Ian assinou o seu nome meticulosamente, sentindo o peso do olhar de Mather.

— Ele faz isto muitas vezes? — perguntou Mather quando Ian se levantou, deixando a Curry a tarefa de secar o papel. As bochechas de Curry mancharam-se de vermelho.

— Não faz mal nenhum, senhor.

Ian ergueu o copo e bebeu rapidamente o *brandy* antes de pegar na caixa.

— Vemo-nos na ópera.

E saiu sem lhe apertar a mão. Mather franziu a testa, mas fez-lhe um aceno de cabeça. Lorde Ian Mackenzie, irmão do Duque de Kilmorgan, era-lhe socialmente superior, e Mather possuía uma consciência aguda das hierarquias sociais.

Uma vez instalado na carruagem, Ian colocou a caixa ao seu lado. Sentia a taça lá dentro, redonda e perfeita, preenchendo um nicho também no seu próprio íntimo.

— Sei que não me cabe a mim dizê-lo — começou Curry do banco oposto, enquanto a carruagem avançava pelas ruas molhadas da chuva. — Mas o homem é um refinado traste. Nem para limpar os pés lhe serve. Para quê fazer negócios com ele?

Ian acariciou a caixa.

— Eu queria esta peça.

— Não há dúvida de que consegue aquilo que quer, meu senhor. Vai mesmo encontrar-se com ele na ópera?

— Ficarei no camarote do Hart. — Ian relanceou o rosto infantilmente inocente de Curry e concentrou-se na segurança

aveludada do cubículo da carruagem. — Descobre tudo o que puderem acerca de uma tal senhora Ackerley, uma viúva que está noiva de Sir Lyndon Mather. Conta-me tudo esta noite.

— Oh, sim? Porque está tão interessado na noiva do refinado traste?

Ian voltou a acariciar a caixa com a ponta dos dedos.

— Quero saber se ela é porcelana genuína ou uma falsificação. Curry piscou um olho.

— Tem razão, patrão. Verei o que posso descobrir.

Lyndon Mather não podia ser mais bonito e encantador, e as cabeças viraram-se quando Beth Ackerley entrou de braço dado com ele na Ópera de Covent Garden.

Mather tinha um perfil puro, um corpo esguio e atlético, e uma cabeça de cabelos louros que as senhoras ansiavam afagar com os dedos. As suas maneiras eram impecáveis e encantava todos quantos o conheciam. Possuía um rendimento substancial, uma casa luxuosa em Park Lane, e era recebido pela fina flor. Uma excelente escolha para uma senhora de fortuna inesperada em busca de um segundo marido.

*Até uma senhora de fortuna inesperada se cansa de estar sozinha*, pensava Beth ao entrar no luxuoso camarote de Mather, atrás da idosa tia deste e da sua dama de companhia. Conhecia Mather há vários anos, pois a tia dele e a sua antiga patroa tinham sido boas amigas. Ele não era o mais excitante dos cavalheiros, mas Beth não pretendia excitação. *Nada de drama*, prometera a si mesma. Já tivera drama suficiente para uma vida inteira.

Agora, Beth desejava conforto; aprendera a dirigir uma casa cheia de criados e talvez tivesse a oportunidade de ter os filhos que sempre desejara. Do seu primeiro casamento, nove anos antes, não resultara nenhum, já que o pobre Thomas falecera cerca de um ano depois de terem trocado os votos. Estava tão doente que nem tivera tempo de se despedir.

Quando acabaram de se instalar no camarote de Sir Lyndon, a ópera já começara. A jovem no palco possuía uma bela voz de soprano e um corpo amplo com que a projetar. Beth não tardou a perder-se no êxtase da música. Mather saiu do camarote dez minutos depois de terem entrado, como sempre fazia. Gostava de passar as noites no teatro a ver toda a gente importante e a ser visto com eles. Beth não se importava. Acostumara-se a ficar sentada junto de matronas idosas e preferia isso a trocar inanidades com as brilhantes senhoras da sociedade. *Oh, querida, já sabe? Lady Marmaduke usou sete centímetros de renda no vestido, em vez de cinco. Consegue imaginar alguma coisa mais vulgar? E as pregas estavam desfeitas, minha querida, absolutamente desfeitas.* Que informação importante.

Beth abanou-se com o leque e desfrutou da música enquanto a tia de Mather e a dama de companhia tentavam compreender o enredo de *La Traviata*. Beth pensou que para elas uma ida ao teatro não era nada de especial, mas para uma rapariga criada no East End aquilo era tudo menos vulgar. Beth amava a música e absorvia-a de todas as maneiras que pudesse, embora se considerasse uma executante medíocre. Não importava, podia ouvir os outros tocar e desfrutar da mesma forma. Mather gostava de ir ao teatro, à ópera, a musicais, pelo que a nova vida de Beth estaria repleta de música.

O seu prazer foi interrompido pelo ruidoso regresso de Mather ao camarote.

— Minha querida — disse ele em voz alta. — Trouxe o meu muito íntimo amigo, Lorde Ian Mackenzie. Estende-lhe a mão, querida. É irmão do Duque de Kilmorgan, sabes.

Beth viu por trás de Mather o homem alto que entrara no camarote, e o seu mundo parou.

Lorde Ian era um homem grande, de corpo solidamente musculado, estendendo-lhe uma mão enorme, numa luva de couro. Os ombros eram largos, o peito amplo, e a luz débil tingia-lhe

o cabelo de vermelho. O rosto era tão duro como o corpo, mas os olhos tornavam Ian Mackenzie diferente de qualquer outra pessoa que Beth já conhecera.

De início, julgou que os seus olhos eram castanho-claros, mas quando Mather praticamente o empurrou para a cadeira ao lado de Beth, percebeu que eram dourados. Não cor de avelã, mas âmbar, como *brandy*, salpicados de ouro como se o sol dançasse neles.

— Esta é a minha senhora Ackerley — dizia Mather. — Que tal lhe parece, eh? Eu disse-lhe que era a mulher mais bonita de Londres.

Lorde Ian lançou um olhar rápido ao rosto de Beth e depois fixou-o num ponto qualquer para além do camarote. Continuava a segurar-lhe a mão, com um aperto firme, a pressão dos seus dedos quase dolorosa.

Não concordou nem discordou de Mather, o que Beth considerou um pouco rude. Mesmo que Lorde Ian não pusesse uma mão no peito e declarasse Beth a mais bela mulher desde Elaine de Camelot, devia pelo menos ter dado qualquer resposta educada.

Em vez disso, manteve um silêncio pétreo. Ainda segurava a mão de Beth e traçava com o polegar o padrão da costura nas costas da luva dela. Uma e outra vez, o polegar moveu-se, padrões rápidos e quentes, a pressão transmitindo calor aos membros dela.

— Se ele lhe disse que eu era a mulher mais bonita de Londres, receio que tenha ficado muito desapontado — disse Beth rapidamente. — Peço desculpa se ele o enganou.

O olhar de Lorde Ian incidiu brevemente sobre Beth, com o rosto ligeiramente franzido, como se não tivesse ideia de que falava ela.

— Não esmague a pobre mulher, Mackenzie — disse Mather jovialmente. — Ela é frágil como uma das suas taças Ming.

— Oh, interessa-se por porcelana, meu senhor? — Beth agarrou-se a alguma coisa para dizer. — Sir Lyndon mostrou-me a sua coleção.

— Mackenzie é uma das maiores autoridades — disse Mather com um vestígio de inveja.

— A sério? — perguntou Beth.

Lorde Ian voltou a relanceá-la.

— Sim.

Ele não estava sentado mais perto dela do que Mather, mas Beth tinha uma consciência gritante da sua presença. Sentia o joelho duro do homem encostado às suas saias, a pressão firme do polegar dele na sua mão, o peso do seu não olhar.

*Uma mulher não poderia estar confortável com este homem,* pensou arrepiada. *Haveria muito drama.* Sentia-o na inquietação do corpo dele, na mão grande e quente que segurava a dela, nos olhos que quase não encontravam os seus. Deveria apiedar-se da mulher sobre quem aqueles olhos finalmente repousassem? Ou invejá-la?

Beth continuou a tagarelar.

— Sir Lyndon tem peças maravilhosas. Quando toco numa peça que foi manuseada por um imperador há centenas de anos, sinto-me... Não sei bem. *Próxima* dele, julgo eu. Privilegiada.

Centelhas douradas refletiram quando Ian a olhou um mero instante.

— Devia conhecer a minha coleção. — Falava com um leve sotaque escocês, numa voz baixa e áspera.

— Apreciaria muito, velho amigo — disse Mather. — Verei quando temos tempo livre.

Mather ergueu os binóculos para examinar os grandes seios da soprano, e o olhar de Lorde Ian recaiu sobre ele. A repugnância e o intenso desagrado na sua expressão espontânea sobressaltaram Beth. Antes de ela poder falar, Lorde Ian inclinou-se para ela. O calor do corpo dele tocou-a como uma onda, levando consigo o odor a sabão de barba e a homem. Ela esquecera-se de quão intenso poderia ser o cheiro de um homem. Mather estava sempre banhado em colónia.

— Leia isto sem ele ver. — O hálito de Lorde Ian roçou-lhe o ouvido, aquecendo no seu íntimo coisas que não haviam sido tocadas em nove longos anos. Os dedos dele deslizaram-lhe sob a abertura da luva, acima do cotovelo, e ela sentiu a aresta do papel dobrado arranhar-lhe o braço nu. Fitou os olhos dourados de Lorde Ian tão perto dela, vendo as suas pupilas aumentarem antes de ele desviar novamente o olhar.

Ele endireitou-se, o seu rosto imberbe e sem expressão. Mather virou-se para ele, fazendo um comentário acerca da cantora, sem se aperceber de nada.

Lorde Ian levantou-se abruptamente. A pressão quente abandonou a mão de Beth, e ela percebeu que ele estivera a segurá-la o tempo todo.

— Já vai, velho amigo? — perguntou Mather surpreendido.

— O meu irmão espera-me.

Os olhos de Mather cintilaram.

— O duque?

— O meu irmão Cameron e o filho.

— Oh. — Mather mostrou-se desapontado, mas levantou-se e renovou a promessa de levar Beth a visitar a coleção de Ian.

Sem dizer boa-noite, Ian passou pelas cadeiras vazias e saiu do camarote. O olhar de Beth não lhe largou as costas até a porta se fechar atrás dele. Tinha uma intensa consciência do papel dobrado que tocava o interior do seu braço e das gotas de suor que se formavam sob ele.

Mather sentou-se ao lado de Beth e suspirou.

— Ali, minha querida, vai um excêntrico.

Beth enrolou os dedos na saia de tafetá cinzento, sentindo a mão fria sem a de Lorde Ian a envolvê-la.

— Excêntrico?

— Completamente louco. Coitado, viveu num asilo privado a maior parte da sua vida, e só está livre porque o irmão, o duque, o deixou sair outra vez. Mas não te preocupes. — Mather

pegou na mão de Beth. — Não precisarás de o ver sem que eu esteja presente. Toda a sua família é escandalosa. Nunca fales com nenhum deles sem ser na minha presença, minha querida, está bem?

Beth murmurou algo que não a comprometia. Já ouvira falar da família Mackenzie, os duques herdeiros de Kilmorgan, porque a velha senhora Barrington adorava coscuvilhar acerca da aristocracia. Os Mackenzies tinham sido protagonistas em muitos dos jornais de escândalos que Beth lia em voz alta à senhora Barrington nas noites chuvosas.

Lorde Ian não lhe parecera completamente louco, embora não fosse, certamente, como nenhum outro homem que ela conhecesse. A mão de Mather na sua era mole e fria, ao passo que a pressão forte da mão de Lorde Ian a aquecera de uma maneira que ela há muito não sentia. Beth sentia falta da intimidade que tivera com Thomas, das noites longas e quentes na cama com ele. Sabia que partilharia uma cama com Mather, mas a ideia nunca lhe fizera ferver o sangue. Pensava que aquilo que tivera com Thomas fora especial e mágico e que não podia esperar sentir o mesmo com nenhum outro homem. Então, porque lhe acelerara a respiração quando o suspiro cadenciado de Lorde Ian lhe tocara o ouvido? Porque batera o seu coração mais depressa quando ele percorrera com o polegar as costas da sua mão?

Não. Lorde Ian era drama; Mather, segurança. Ela escolhia a segurança. Tinha de escolher.

Mather conseguiu ficar quieto cinco minutos, depois levantou-se outra vez.

— Tenho de ir cumprimentar Lorde e Lady Beresford. Não te importas, pois não, minha querida?

— Claro que não — respondeu Beth automaticamente.

— És um tesouro, minha querida. Sempre disse à amorosa senhora Barrington o quanto tu eras doce e polida. — Mather beijou a mão de Beth e saiu do camarote.

A soprano iniciou uma ária, as notas enchendo cada espaço do teatro. Atrás dela, a tia de Mather e a dama de companhia juntaram as cabeças atrás dos leques, sussurrando, sussurrando.

Beth introduziu os dedos sob a abertura da luva comprida e puxou a folha de papel. Endireitando as costas diante das senhoras de idade, desdobrou silenciosamente a folha.

*Senhora Ackerley*, começava, numa letra cuidadosa.

*Atrevo-me a avisá-la do verdadeiro caráter de Sir Lyndon Mather, que o meu irmão, o Duque de Kilmorgan, conhece muito bem. Quero dizer-lhe que Mather possui uma casa muito perto da Strand e do Temple Bar, onde se encontra com mulheres, várias ao mesmo tempo. Chama-lhes os seus «docinhos» e suplica-lhes que o usem como seu escravo. Não são cortesãs vulgares, mas mulheres que precisam de dinheiro ao ponto de o tolerarem. Fiz uma lista com cinco das mulheres com que se encontra regularmente, para o caso de as querer interrogar, ou posso arranjar-lhe um encontro com o duque.*

*Atenciosamente,  
Ian Mackenzie*

A soprano abriu os braços, levando a última nota da ária a um crescendo selvagem, até se perder numa explosão de aplausos.

Beth fixou a carta, o barulho do teatro a sufocá-la. As palavras na folha não tinham mudado, permanecendo dolorosamente negras no fundo branco.

A respiração voltou-lhe aos pulmões, áspera e quente. Relançou brevemente a tia de Mather, mas a velha senhora e a dama de companhia aplaudiam e gritavam: «Bravo! Bravo!»

Beth ergueu-se, voltando a introduzir o papel na luva. O pequeno camarote, com as cadeiras almofadadas e as mesinhas de chá, parecia inclinar-se enquanto ela tateava o caminho até à porta.

A tia de Mather olhou-a com surpresa.

- Está bem, minha querida?
- Só preciso de apanhar um pouco de ar. Está abafado aqui. A tia de Mather começou a remexer nas suas coisas.
- Precisa de sais de cheiro? Alice, ajuda-me.
- Não, não. — Beth abriu a porta e saiu apressadamente, enquanto a tia de Mather repreendia a dama de companhia.
- Ficarei bem.

Felizmente, a galeria lá fora estava deserta. A soprano era popular e quase todos os assistentes estavam colados às cadeiras, contemplando-a avidamente.

Beth caminhou apressadamente ao lado da galeria, ouvindo a soprano recomeçar a cantar. Tinha a visão enevoada e o papel dentro da luva queimava-lhe o braço.

Que pretendia Lorde Ian ao escrever-lhe semelhante carta? Ele era excêntrico, dissera Mather — seria essa a explicação? Mas, se as acusações na carta fossem os desvarios de um louco, porque sugeriria um encontro de Beth com o irmão? O Duque de Kilmorgan era um dos homens mais ricos e poderosos da Grã-Bretanha — era Duque de Kilmorgan pela linhagem da Escócia, que recuava até mil trezentos e tantos, e o seu pai fora feito Duque de Kilmorgan na linhagem de Inglaterra pela própria rainha Vitória.

Porque se interessaria um homem tão ilustre por pessoas insignificantes como Beth Ackerley e Lyndon Mather? Sem dúvida que um duque nunca repararia em pessoas como ela e Mather.

Não, a carta era demasiado bizarra. Só podia ser uma mentira, uma invenção.

E, contudo... Beth pensou nas vezes em que apanhara Mather a olhá-la como se tivesse feito algo de muito inteligente. Ter crescido no East End e ter tido o pai que tivera dera a Beth a capacidade de detetar um embusteiro a léguas. Teriam os sinais estado ali, em Sir Lyndon Mather, e ela, simplesmente, escolhera ignorá-los?

Mas não, não podia ser verdade. Ela acabara por conhecê-lo bem quando fora dama de companhia da velha senhora Barrington.

Viajavam com Mather na sua carruagem, visitavam-no a ele e à tia na casa de Park Lane, ele acompanhava-as a musicais. Nunca se comportara com Beth com menos polidez do que aquela devida à dama de companhia de uma senhora idosa e rica, e, após a morte desta, pedira-a em casamento.

*Depois de eu ter herdado a fortuna da senhora Barrington, recordou-a uma voz cínica.*

*Que queria dizer Lorde Ian com docinhos? Suplica-lhes que o usem como seu escravo.*

O espartilho de osso de baleia de Beth estava demasiado apertado, dificultando-lhe a respiração de que ela precisava desesperadamente. Manchas negras pairavam-lhe diante dos olhos e ela estendeu o braço para se equilibrar.

Uma mão agarrou-a com força no cotovelo.

— Cuidado. — Uma voz escocesa raspou-lhe o ouvido. — Venha comigo.

## Capítulo Dois

**A**ntes de Beth poder pronunciar uma recusa, Lorde Ian impeliu-a ao longo da galeria, meio a içá-la, meio a empurrá-la. Abriu uma porta de cortinas de veludo e quase a empurrou para dentro.

Beth deu por si noutro camarote, este grande, com tapetes pesados e ar denso de fumo de charutos. Tossiu.

— Preciso de um copo de água.

Lorde Ian fê-la sentar-se numa poltrona, que a recebeu nas suas profundezas felpudas. Beth pegou no copo de cristal frio que ele lhe pôs à frente e bebeu uma boa porção do seu conteúdo.

Deu um gritinho quando sentiu o sabor de *whisky* em vez de água, mas o líquido já lhe abria uma estrada de fogo até ao estômago e a sua visão começou a clarear.

Assim que conseguiu voltar a ver, Beth percebeu que se encontrava num camarote diretamente virado para o palco lá em baixo. Devido à sua posição privilegiada, calculou que pertencesse ao Duque de Kilmorgan. Era muito elegante, com mobiliário confortável, candeeiros a gás com luz baixa e mesas envernizadas embutidas. Mas, além dela própria e de Lorde Ian, o camarote estava vazio.

Ian tirou-lhe o copo das mãos e sentou-se na cadeira ao lado dela, demasiado próximo. Levou aos lábios o copo de onde Beth acabara de beber e terminou o seu conteúdo. Uma gota perdida ficou-lhe suspensa do lábio inferior e Beth, de repente, teve vontade de a lamber.

Para afastar da mente tais pensamentos, tirou o papel da luva.

— Que queria dizer com isto, meu senhor?

Ian nem se dignou a olhar para a carta.

— Exatamente o que aí diz.

— São acusações muito graves, e bastante perturbadoras.

A expressão de Ian demonstrou a pouca importância que dava à gravidade das acusações e à perturbação que pudessem causar.

— Mather é um canalha e é melhor que se livre dele.

Beth amachucou a carta na mão e tentou organizar os pensamentos. Não era fácil, com Ian Mackenzie sentado a um centímetro dela, a sua presença poderosa quase a fazendo cair da cadeira. Sempre que respirava, inalava o aroma a whisky, charuto e virilidade a que não estava acostumada.

— Ouvi dizer que os colecionadores se invejam uns aos outros ao ponto da loucura — disse ela.

— Mather não é um colecionador.

— Não? Eu vi as suas porcelanas. Conserva-as trancadas numa sala especial, onde nem os criados podem entrar para limpar.

— A coleção dele não vale nada. Não é capaz de distinguir uma peça autêntica de uma falsificação.

O olhar de Ian percorreu-a, tão quente e negro como o seu toque. Ela remexeu-se desconfortavelmente.

— Senhor, estou noiva de Sir Lyndon há três meses e nenhum dos seus conhecidos mencionou quaisquer comportamentos peculiares.

— Mather esconde as suas perversões.

— Mas não de si? Porque tem o privilégio destas informações?

— Ele achou que isso impressionaria o meu irmão.

— Santo Deus, porque ficaria um duque impressionado com semelhante coisa?

Ian encolheu os ombros, e o seu braço roçou o de Beth. Ele sentara-se demasiado perto, mas Beth parecia incapaz de se levantar e mudar para outra cadeira.

— Costuma circular por aí mundo de cartas deste género, para o caso de serem necessárias? — perguntou ela.

O olhar de Ian perpassou-a rapidamente e depois afastou-se, como se ele quisesse concentrar-se nela e não fosse capaz.

— Escrevi-a antes de vir aqui esta noite, para o caso de a achar digna de salvação quando a conhecesse.

— Devo sentir-me lisonjeada?

— Mather é um idiota cego que apenas consegue ver a sua fortuna.

Era exatamente o que a vozinha interior lhe dissera.

— Mather não precisa da minha fortuna — argumentou ela.

— Tem dinheiro dele. Tem uma casa em Park Lane, uma grande propriedade em Kent e outras coisas.

— Está crivado de dívidas. Foi por isso que me vendeu a taça.

Ela não sabia de que taça ele falava, mas a humilhação ardia-lhe no estômago juntamente com o *whisky*. Fora tão cuidadosa quando as propostas tinham começado a chegar, após a morte da Sra. Barrington — gostava de gracejar que uma jovem viúva acabada de entrar na posse de uma grande fortuna devia estar, citando erroneamente Jane Austen, necessitada de um marido.

— Não sou tola, meu senhor. Sei que muito do meu encanto provém do dinheiro que tenho agora.

Os olhos dele eram quentes, o dourado igual à cor do *whisky*.

— Isso não é verdade.

Aquela frase simples derreteu-a.

— Se esta carta diz a verdade, encontro-me numa posição insustentável.

— Porquê? É rica. Pode fazer o que bem entender.

Beth ficou em silêncio. O seu mundo virara-se do avesso no dia em que a Sra. Barrington morrera e lhe deixara a casa de Belgrave Square, a fortuna, os criados e todos os seus bens terrenos, visto não ter qualquer parente vivo. O dinheiro era todo de Beth, para fazer com ele o que quisesse.

Riqueza significava liberdade. Beth nunca, em toda a sua vida, tivera liberdade, e supunha que uma das razões para ter aceitado a proposta de Mather era o facto de ele e a tia poderem abrir-lhe as portas para a sociedade de Londres como algo mais do que uma serviçal. Ela fora serviçal durante demasiado tempo.

As mulheres casadas tinham o dever de fechar os olhos às aventuras dos maridos. Thomas dizia que isso era um disparate, regras criadas pelos cavalheiros para poderem fazer o que entendessem. Mas Thomas fora um homem bom.

O homem sentado ao seu lado não podia, nem com grande esforço de imaginação, ser considerado bom. Ele e os irmãos tinham reputações terríveis. Até Beth, protegida pela Sra. Barrington nos últimos nove anos, sabia disso. Havia conversas em surdina acerca de negócios sórdidos e histórias sobre a escandalosa separação de Lorde Mac Mackenzie da sua mulher, Lady Isabella. Cinco anos antes também houvera rumores acerca do envolvimento dos Mackenzies na morte de uma cortesã, mas Beth não se lembrava dos pormenores. O caso chamara a atenção da Scotland Yard, e os quatro irmãos tinham abandonado o país durante algum tempo.

— Não, nem com um grande esforço de imaginação os Mackenzies podiam ser considerados «bons». Então, porque haveria um homem como Lorde Ian Mackenzie de incomodar-se a prevenir uma insignificante como Beth Ackerley de que estava prestes a desposar um adúltero?

— Pode sempre casar comigo — disse Lorde Ian abruptamente.

Beth pestanejou.

— Como disse?

— Disse que podia casar comigo. Estou-me nas tintas para a sua fortuna.

— Meu senhor, que razões poderia ter para me pedir em casamento?

— Porque tem uns olhos lindos.

— Como sabe? Não olhou para eles uma única vez.

— Sei.

Custava-lhe a respirar e ela não sabia bem se havia de rir ou de chorar.

— Faz isto muitas vezes? Prevenir uma senhora acerca do seu noivo e depois propor-lhe que case antes consigo? Obviamente, a tática não tem resultado, ou teria uma fila de esposas atrás de si.

Ian afastou ligeiramente o olhar, massajou a têmpora com a mão, como se sentisse a proximidade de uma dor de cabeça. Ele era louco, recordou-se Beth. Ou, pelo menos, crescera num asilo para loucos. Então, porque não receava estar ali sozinha com ele, quando ninguém no mundo sabia onde ela se encontrava?

Talvez por ter conhecido lunáticos durante o trabalho de caridade de Thomas no East End, em casa de famílias que mal conseguiam lidar com eles. Eram pobres almas, alguns amarrados às camas. Lorde Ian estava muito longe de ser uma pobre alma.

Ela aclarou a garganta.

— É muito generoso da sua parte, meu senhor.

Ian cerrou o punho firmemente no braço da cadeira.

— Se eu casar consigo, Mather não lhe pode tocar.

— Se eu casasse consigo, seria o escândalo do século.

— Sobreviveria.

Beth olhou para a soprano no palco, lembrando-se subitamente de que as más-línguas afirmavam que a senhora de seios grandes era amante de Lorde Cameron Mackenzie, outro dos irmãos mais velhos de Ian.

— Se alguém me viu entrar aqui consigo, a minha reputação já está arruinada.

— Nesse caso, não terá nada a perder.

Beth podia levantar-se de um salto, empinar o nariz como a Sra. Barrington lhe ensinara e ir-se embora. A Sra. Barrington contara-lhe que ela própria, nos seus tempos, esbofeteara alguns pretendentes, embora Beth prescindisse das bofetadas. Não conseguia

imaginar Lorde Ian afetado por quaisquer golpes que ela lhe pudesse infligir.

— Se eu dissesse que sim, que faria o senhor? — perguntou, verdadeiramente curiosa. — Recuaria e tentaria escapar?

— Arranjaria um bispo, arrancava-lhe uma licença e obrigava-o a casar-nos esta noite.

Ela arregalou os olhos com um horror fingido.

— Quê? Sem vestido de noiva, sem damas de honor? E as flores?

— A senhora já se casou uma vez.

— Quer dizer que a minha necessidade de vestidos brancos e lírios do vale deve ter ficado satisfeita? Devo avisá-lo de que as senhoras são bastante particulares acerca dos seus vestidos de noiva, meu senhor. É importante que o saiba, caso decida propor casamento a outra senhora na próxima meia hora.

Ian fechou os dedos com força em torno da mão dela.

— Estou a propor-lho a si. Sim ou não?

— Não sabe nada de mim. Posso ter um passado obscuro.

— Sei tudo acerca de si. — O olhar dele ficou distante e a mão fechou-se mais firmemente no pulso dela. — O seu nome de solteira é Villiers. O seu pai era um francês que apareceu em Inglaterra há 30 anos. A sua mãe era filha de um proprietário de terras inglês, que a deserdou quando ela se casou com o seu pai. Este morreu pobre e deixou-a sem nada. A senhora e a sua mãe foram obrigadas a ir para uma instituição, quando tinha 10 anos.

Beth escutava-o, atónita. Não fizera segredo do seu passado junto da Sra. Barrington nem de Thomas, mas ouvi-lo da boca de um lorde ilustre como Ian Mackenzie era perturbador.

— Santo Deus, isso é do conhecimento geral?

— Pedi ao Curry que descobrisse tudo acerca de si. A sua mãe morreu quando a senhora tinha 15 anos. Acabou por ser empregada pela instituição, como professora. Quando fez 19 anos, o vigário que recentemente se encarregara da instituição, Thomas Ackerley, conheceu-a e casou consigo. Morreu de uma febre um

ano depois. A Sra. Barrington, de Belgrave Square, contratou-a para dama de companhia.

Beth pestanejou à medida que o drama da sua vida se desenrolava em frases breves.

— Esse Curry é detetive da Scotland Yard?

— É o meu criado particular.

— Oh, claro. Um criado. — Abanou-se vigorosamente com o leque. — Trata da sua roupa, barbeia-o e investiga o passado de mulheres obscuras. Talvez devesse avisar Sir Lyndon acerca de *mim*, e não o contrário.

— Queria descobrir se era genuína ou falsa.

Ela não fazia ideia do significado daquilo.

— Já tem a sua resposta. Não sou nenhum diamante em bruto. Talvez mais uma pedra que tenha sido um pouco polida.

Ian tocou num caracol do cabelo dela que lhe tombara para a testa.

— A senhora é genuína.

O toque fez-lhe bater o coração com mais força e sentiu os membros inundados de calor. Ele estava sentado demasiado perto, as pontas dos dedos tão quentes através das luvas. Seria muito simples inclinar-lhe a cabeça para trás e beijá-la.

— O senhor tem uma posição dez vezes mais elevada do que a minha. Se casasse consigo, seria uma inconveniência inolvidável.

— O seu pai era visconde.

— Oh, sim. Tinha-me esquecido do meu muito querido pai.

Beth conhecia bem quão verdadeiras eram as reivindicações do pai ao título de visconde, e como ele representara bem esse papel.

Lorde Ian pegou num caracol fino com as pontas dos dedos, alisando-o. Soltou-o, com os olhos a brilharem quando este bateu na testa dela. Puxou novamente o caracol, vendo-o voltar a encaracolar, uma e outra vez. A sua concentração perturbou-a; a proximidade do seu corpo perturbava-a ainda mais. Ao mesmo tempo, o seu próprio corpo lascivo correspondia.

— Vai tirar-lhes toda a elasticidade — disse ela. — A minha criada ficará tão desapontada!

Ian pestanejou e voltou a pousar a mão no braço da cadeira, como se tivesse de o forçar.

— Amava o seu marido?

Aquele encontro bizarro com Lorde Ian era o género de coisa de que ela e Thomas ririam juntos. Mas Thomas partira há muitos anos, e ela estava sozinha.

— Com todo o meu coração.

— Eu não esperaria amor da sua parte. Não posso corresponder-lhe.

Beth dobrou o leque junto do seu rosto muito quente, com o coração a retumbar.

— Meu senhor, não é muito lisonjeiro uma mulher ouvir um homem dizer que não se apaixonaria por ela. As mulheres querem acreditar que serão o centro das suas abjetas atenções.

Mather prometera-lhe ser devotado. A carta amachucada voltou a abrasá-la.

— Não é por não querer. Não posso amá-la.

— Como disse? — Já usara a expressão demasiadas vezes naquela noite.

— Sou incapaz de amar. Por isso, não lho ofereço.

Beth perguntou-se o que seria mais desolador, as palavras em si mesmas ou o tom de voz sem emoção em que ele as proferia.

— Talvez ainda não tenha encontrado a pessoa certa, meu senhor. Toda a gente se apaixona, mais cedo ou mais tarde.

— Já tive amantes, mas nunca as amei.

O rosto de Beth ardia.

— O que diz não faz sentido, meu senhor. Se não o interessa a minha fortuna nem o meu amor, porque haveria de querer casar comigo?

Ian procurou novamente o caracol, como se não conseguisse evitá-lo.

— Porque quero levá-la para a cama.

Beth percebeu naquele instante que não era uma verdadeira senhora, que nunca o seria. Uma verdadeira senhora teria caído da cadeira com um pequeno desmaio, ou gritaria a plenos pulmões. Em vez disso, Beth entregou-se ao toque de Ian, desfrutando.

— Quer?

A mão dele desfez mais caracóis, arruinando o trabalho da criada.

— A senhora foi mulher de um vigário, é respeitável, o género de mulher para casar. Caso contrário, oferecer-lhe-ia uma relação.

Beth resistiu à tentação de esfregar a cara na luva dele.

— Será que entendi bem? Quer que vá consigo para a cama mas, como fui outrora uma respeitável mulher casada, tem de casar comigo para isso?

— Sim.

Ela soltou uma gargalhada quase histérica.

— Meu caro Lorde Ian, isso não lhe parece um tanto radical? Depois de me ter na sua cama, continuaria casado comigo.

— Tenciono levá-la para a cama mais de uma vez.

Parecia tão lógico! A sua voz profunda deslizou pelos sentidos dela, tentando-a, encontrando a mulher apaixonada que descobriria o quanto gostava de tocar o corpo de um homem e que este a tocasse.

Não era suposto que as senhoras apreciassem o leito conjugal, assim lho tinham afirmado. Thomas ripostara que isso era um disparate e ensinara-lhe como uma mulher devia sentir. Se não a tivesse ensinado tão bem, pensou, ela não ferveria de desejo por Lorde Ian Mackenzie.

— Tem consciência, meu senhor, de que estou comprometida com outro homem? Apenas tenho a sua palavra de que ele é um mulherengo.

— Dar-lhe-ei tempo para fazer perguntas acerca de Mather e pôr os seus assuntos em ordem. Prefere viver em Londres ou na minha propriedade na Escócia?

Beth tinha vontade de recostar a cabeça na cadeira e rir às gargalhadas. Aquilo era tão absurdo e, ao mesmo tempo, tão perigosamente tentador. Ian era atraente; ela estava sozinha. Ele era suficientemente rico para não querer saber da pequena fortuna dela, e não escondia que a queria conhecer carnalmente. Porém, se era verdade que sabia muito pouco acerca de Lyndon Mather, acerca de Ian Mackenzie não sabia mesmo nada.

— Ainda estou desconcertada — conseguiu dizer. — Um aviso de amigo acerca de Sir Lyndon é uma coisa, mas poucos minutos depois do aviso propor-me casamento é outra. Toma sempre decisões tão rápidas?

— Sim.

— Algo do género «Se feito ficasse quando fosse feito, seria bom que o fizéssemos de pronto»?

— Pode recusar.

— Julgo que devia.

— Por eu ser louco?

Ela deu mais uma gargalhada desanimada.

— Não, porque é demasiado tentador, porque bebi *whisky* e porque devo voltar para junto de Sir Lyndon e da sua tia.

Ela levantou-se, com as saias a restolhar, mas Lorde Ian segurou-lhe a mão.

— Não vá.

As palavras eram duras, não se tratava de um pedido. A força abandonou os membros de Beth e ela voltou a sentar-se. Estava calor ali, e a cadeira era tão confortável!

— Não devia ficar.

A mão dele fechou-se sobre a dela.

— Assista à ópera.

Beth obrigou-se a fixar o palco, onde a soprano cantava apaixonadamente acerca de um amor perdido. Brilhavam-lhe lágrimas nas faces, e Beth perguntou-se se ela estaria a pensar em Lorde Cameron Mackenzie.

Em quem quer que pensasse, as notas da ária vibravam.

— É lindo — sussurrou Beth.

— Consigo tocar esta peça nota por nota — disse Ian, a sua respiração quente na orelha dela. — Mas não consigo captar-lhe a alma.

— Oh. — Ela apertou-lhe a mão, sentindo crescer dentro de si uma mágoa por ele.

Ian quase pediu, *Ensine-me a ouvi-la da mesma forma que a ouve*, mas sabia que isso era impossível.

Ela era como porcelana rara, pensou, uma beleza delicada com um núcleo de aço. A porcelana barata desfazia-se em pó ou estilhaçava-se, mas as peças melhores sobreviviam até chegarem às mãos de um colecionador que cuidasse delas.

Beth fechou os olhos para ouvir, os tentadores caracóis tremendo-lhe na testa. Ele gostava da maneira como o cabelo dela se desenrolava, como seda numa tapeçaria.

A soprano terminou a peça com mais uma nota longa e límpida. Beth aplaudiu espontaneamente, sorrindo, os olhos brilhando de agrado. Ian aprendera com Mac e Cameron a aplaudir quando uma peça terminava, mas nunca percebera porquê. Beth parecia não ter qualquer dificuldade em entender e reagir à alegria da música.

Quando ergueu o rosto, com lágrimas nos olhos azuis, ele inclinou-se e beijou-a.

Ela começou por levantar as mãos, para o afastar. Mas pousou-lhas nos ombros e produziu um suave ruído de rendição.

Ele precisava do corpo dela debaixo do seu naquela noite. Queria ver os olhos dela amaciarem de desejo, as suas faces corarem de prazer. Queria friccionar a baga doce entre as suas pernas e humedecê-la, queria investir dentro dela até se libertar, e depois queria fazer tudo outra vez.

Acordaria com a cabeça dela na sua almofada e beijá-la-ia até que ela abrisse os olhos. Servir-lhe-ia o pequeno-almoço e vê-la-ia sorrir enquanto lhe comia da mão.

Percorreu com a língua o seu lábio inferior. Ela sabia a mel e a *whisky*, uma especiaria doce. Sentiu a pulsação dela retumbar sob as pontas dos seus dedos, a sua respiração a escaldar-lhe a pele. Desejava aquele hábito quente durante a sua excitação, que já era dura e ansiava por ela. Queria que ela a tocasse com os lábios, como lhe tocava a boca.

Elá também o queria — nada de histerias de donzela ou de se afastar dele. Beth Ackerley sabia o que era estar com um homem, e gostava. O corpo dele latejava de expectativa.

— Devíamos parar — murmurou ela.

— Quer parar?

— Agora que fala nisso, não me parece.

— Nesse caso, porquê? — Os lábios dele roçaram-lhe a boca enquanto falava. Ela sentiu o sabor a *whisky* na língua dele, sentiu-lhe o roçar firme dos lábios, a aspereza do queixo. A boca dele era de homem, uma boca autoritária.

— Tenho a certeza de que há uma dúzia de razões pelas quais devíamos parar. Confesso que neste momento não consigo pensar numa que seja boa.

Os dedos dele eram fortes.

— Venha para casa comigo esta noite.

Beth queria ir. Oh, se queria. A alegria percorreu-lhe o corpo todo, como uma dor que ela pensara nunca voltar a sentir.

— Não posso. — Ela quase gemeu.

— Pode.

— Quem me dera... — Ela imaginou os jornais a bradarem a coscuvilhice por toda a cidade de Londres no dia seguinte. *Herdeira Abandona Noivo em Troca de Um Caso Sórdido com Lorde Ian Mackenzie*. As suas origens eram turvas — alguém ficaria surpreendido? *O sangue vem sempre ao de cima*, era o que diriam. A mãe dela não era melhor.

— Pode — repetiu Ian firmemente.

Beth fechou os olhos, tentando afastar aquela doce tentação.

— Pare de me pedir...

A porta do camarote abriu-se e tons ásperos e roucos interromperam os aplausos estrondosos da audiência.

— Ian, caramba, devias estar a vigiar o Daniel. Ele está lá em baixo, outra vez a jogar aos dados com os cocheiros, e sabes que ele perde sempre.

## Capítulo Três

**U**m gigante entrou no camarote. Era maior do que Ian e exibia o mesmo cabelo ruivo-escuro e os olhos como lascas de topázio. Na bochecha direita ostentava uma cicatriz profunda e feroz, um golpe feito há muito tempo. Era fácil imaginar aquele homem a lutar com os punhos ou com facas, como um rufia.

Fixou os olhos em Beth.

— Ian, quem diabo é *ela*?

— A noiva do Lyndon Mather — respondeu Lorde Ian.

O homem olhou para Beth com assombro e depois desatou a rir. As gargalhadas eram imensas, como ele, profundas e retumbantes. Alguns espetadores olharam para cima, irritados.

— Fantástico, Ian. — O homem deu uma palmada nas costas do irmão. — Em fuga com a noiva do Mather. Fazes um favor à senhora. — Olhou Beth descaradamente. — Não queira casar com o Mather, querida — disse-lhe. — O homem é nojento.

— Parece que toda a gente sabe isso menos eu — disse Beth debilmente.

— É um traste manhoso, desesperado por entrar no círculo do Hart. Está convencido de que o apreciaremos se nos contar como lhe agrada reviver os castigos do tempo de escola. É melhor que se livre dele, senhora.

Beth mal podia respirar. Devia fugir dali, não ouvir coisas que nenhuma senhora devia ouvir, mas a mão de Ian continuava

firmemente entrelaçada na dela. Além disso, eles não tentavam confortá-la com banalidades nem contar-lhe mentiras bonitas. Podiam estar a inventar aquilo tudo para a separar de Mather, mas porquê?

— O Ian nunca se lembrará de nos apresentar — disse o gigante. — Sou o Cameron. E a senhora?

— Sou a Senhora Ackerley — gaguejou Beth.

— Não parece muito convencida disso.

Beth abanou-se com o leque.

— Era-o, quando entrei aqui.

— Se está noiva do Mather, que faz aqui a beijar o Ian?

— Era exatamente o que perguntava a mim mesma.

— Cam — disse Ian. A palavra cortou o silêncio enquanto a multidão aguardava o ato seguinte. Naquele momento o drama não se desenrolava no palco, mas no camarote de Ian Mackenzie.

— Cala-te.

Cameron fitou o irmão. Depois ergueu as sobrancelhas e deixou-se cair numa cadeira do outro lado de Beth. Tirou um charuto da caixa junto dele e riscou um fósforo.

*Um cavalheiro deve pedir a uma senhora licença para fumar.* Eram as palavras da Sra. Barrington que lhe retiniam nos ouvidos. Nem Cameron nem Ian pareciam fazer caso das regras da Sra. Barrington.

— Não disse que alguém chamado Daniel estava a jogar dados com os cocheiros? — perguntou-lhe Beth.

Cameron levou a chama à ponta do charuto e soprou o fumo.

— Daniel, o meu filho. Não haverá problema, se não fizer batota.

— É melhor ir para casa. — Beth começou outra vez a levantar-se, mas a mão de Ian no seu braço fê-la parar.

— Com o Mather, não.

— Claro que não. Nunca mais quero ver o homem.

Cameron riu-se.

— É uma mulher sensata, Ian. Pode ir para casa na minha carruagem.

— Não — disse Beth rapidamente. — Pedirei ao porteiro que me arranje uma carruagem de aluguer.

Os dedos de Ian apertaram-na.

— Numa carruagem de aluguer, não. Não pode ir sozinha.

— Entrar numa carruagem com os senhores seria o escândalo do ano. Nem que fossem os arcebispos de Cantuária e Iorque.

O olhar de Ian fixou-se nela como se não tivesse ideia do que estava a dizer. Cameron atirou a cabeça para trás e riu-se.

— Ela merece ser roubada, Ian — disse, em volta do charuto.

— Mas tem razão. Empresto-lhe a carruagem e o meu cocheiro cuidará de si, se o conseguir encontrar. A culpa é minha, por ter admitido um cigano ao meu serviço. São extremamente difíceis de domesticar.

Ian não queria que ela fosse sozinha; Beth lia-o nos seus olhos. Pensou na forma como ele brincara com os seus caracóis — possessivo, como Mather com a sua loiça chinesa.

Ela confirmaria as informações da carta de Ian. Mandaria o mordomo coscuvilheiro e asmático da Sra. Barrington arrancar bisbilhotices aos outros criados. Os irmãos Mackenzie *podiam* ser parte de alguma louca e improvável conspiração para arruinar Mather, mas ela tinha a sensação terrível de que falavam verdade.

Abaixo deles, o ato seguinte começou com uma fanfarra. Ian esfregou a testa, como se aquilo lhe causasse dores de cabeça. Cameron cortou a ponta do charuto e saiu ruidosamente do camarote.

— Meu senhor? Está bem?

O olhar de Ian permanecia distante e ele continuava a esfregar a testa distraidamente. Beth pousou-lhe a mão no braço. Ian não reagiu, mas parou de esfregar a testa e pousou a sua mão grande sobre a dela.

Não seguia a ação em palco e não tentou prosseguir a conversa com Beth, nem voltou a beijá-la. Era como se a sua mente tivesse

ido para algum sítio onde ela não podia segui-la. O corpo estava bastante presente, contudo, a sua mão pesada e forte. Ela examinou o perfil afilado do seu rosto, as maçãs do rosto altas, o queixo quadrado. Qualquer mulher teria vontade de lhe percorrer com as mãos o cabelo espesso, quando o tivesse nos seus braços, na cama. Este estaria quente e húmido de suor enquanto ele repousasse, de membros pesados, em cima dela. Beth atreveu-se a levantar a mão e a afastar-lhe o cabelo da testa.

O olhar de Ian abateu-se sobre ela. Por um instante, imobilizou-a com o seu olhar. Depois os seus olhos desviaram-se. Beth acariciou-lhe novamente o cabelo. Ele ficou sentado, imóvel sob o toque, estremecendo de tensão, como um animal selvagem.

Ficaram assim, Beth alisando-lhe suavemente o cabelo, até Cameron voltar com um homem de tez escura a reboque. Olhou com surpresa para Ian e este levantou-se, forçando Beth a escapulir-se.

Beth examinou o teatro antes de Ian a conduzir lá para fora, seguido de Cameron. Num camarote do outro lado da vasta sala, Mather estava profundamente reclinado, em conversa com Lorde e Lady Beresford. Não reparou em Beth nem a viu sair do camarote.

— *Mackenzie!* Vou matá-lo! Está a ouvir-me?

Ian encheu a mão de água quente do banho e atirou-a por cima do cabelo e pelo pescoço. Pensou na mão de Beth no seu cabelo, nos seus dedos calmantes. Ian nem sempre gostava de ser tocado, mas com Beth ficara quieto, desejoso de aceitar o que ela lhe oferecia. Imaginava-a a acariciar-lhe o cabelo, deitada a seu lado na cama, o seu cheiro quente a cobri-lo todo. Queria o corpo lascivo de Beth emaranhado nos seus lençóis, os caracóis apertados a desenrolarem-se, os olhos azuis semicerrados de prazer. Queria-a com uma profunda intensidade que não se desvanecera e mesmo agora, sob a água, o seu membro endurecia.

A voz irritante lá fora estilhaçou-lhe a fantasia. As ameaças tornaram-se mais sonoras à medida que se aproximavam da casa

de banho, e a porta abriu-se para revelar Lyndon Mather a debater-se entre dois dos criados de Ian. Eram dois escoceses que tinham vindo com Ian para a casa alugada em Londres e pareciam satisfeitos por, finalmente, terem alguém com quem exercitar os músculos.

Ian transferiu o olhar dos três homens para a perna musculada que repousava na borda da banheira. Os criados soltaram Mather mas ficaram a rondá-lo, atentos.

— Enganou-me com aquela taça, mas não lhe bastou, pois não, Mackenzie? Beth Ackerley vale cem mil guinéus, homem. *Cem mil.*

Ian examinou os pelos pretos retorcidos da sua perna.

— Vale bastante mais do que isso.

— Quer dizer que ela tem mais? — perguntou o idiota. — Vou processá-lo e condená-lo por me roubar esse dinheiro todo.

Ian fechou os olhos, tentando recuperar as visões de Beth.

— Escreva ao solicitador do Hart.

— Não se esconda atrás do seu irmão, seu cobarde. Hei de arruiná-lo. Londres ficará demasiado quente para si. Fugirá para Inverness com o rabo entre as pernas, seu porco escocês comedor de esterco e sodomita de carneiros.

Os criados rugiram em uníssono. Mather tirou um pequeno objeto do bolso e atirou-o para a banheira. Algo caiu dentro de água e afundou-se com um estalido suave.

— Processá-lo-ei também pelo preço disso.

Ian estalou os dedos para os criados, salpicando o chão de mármore.

— Ponham-no fora.

Os homens iam atirar-se a Mather, mas este virou costas e saiu. Os dois criados seguiram-no e Curry entrou na casa de banho, fechando a porta.

— Caramba — disse o criado, limpando a testa. — Pensei que lhe ia dar um tiro.

— Não aqui. Fá-lo-ia num beco escuro e pelas costas.

— Era melhor sair da cidade por um tempo, patrão.

Ian não respondeu. Pensava na breve carta da Sra. Ackerley que recebera essa tarde.

*Meu senhor, agradeço a sua generosa intervenção, salvando-me de um passo que me haveria de causar grande arrependimento. Como sem dúvida não tardará a ler nos jornais, o noivado entre mim e a outra parte em questão chegou ao fim.*

*Quero também agradecer-lhe ter condescendido em me propor casamento, o que, percebo agora, tinha por fim preservar da ruína a minha reputação. Sei que compreenderá e não ficará ofendido quando lhe disser que tenho de declinar a sua generosa oferta.*

*Decidi utilizar a fortuna que o destino me concedeu viajando. No momento em que receber esta carta, já terei partido com uma dama de companhia para Paris, onde tenciono fazer estudos de pintura, uma arte que sempre desejei aprender. Agradeço novamente a sua generosidade para comigo, e o seu conselho.*

*Com os melhores cumprimentos,  
Beth Ackerley*

— Vamos para Paris — disse Ian a Curry.

Curry piscou os olhos.

— Vamos, patrão?

Ian pescou o que Mather lançara para dentro da banheira, um estreito anel de ouro, com minúsculos diamantes.

— O Mather é um forreta. Ela merece um anel largo, incrustado de safiras azuis, como os seus olhos.

Sentiu a pressão do olhar de Curry.

— Se o senhor o diz. Faço as malas?

— Só partimos daqui a uns dias. Tenho uns assuntos a tratar primeiro.

Curry esperou que Ian lhe dissesse que assuntos eram, mas este voltou, em silêncio, a inspecionar o anel. Perdeu-se na contemplação do brilho de cada face de cada um dos minúsculos diamantes até a água arrefecer e Curry se apressar a remover a tampa da banheira.

O inspetor Lloyd Fellows fez uma pausa antes de tocar à campainha da casa de Sir Lyndon Mather em Park Lane. *Inspektor*, recordou Fellows a si mesmo, pois fora recentemente promovido das sombras subalternas de sargento, apesar da determinação do seu último chefe em o manter numa posição humilde.

Mas todos os bons inspetores-chefes acabam por ser chamados à paz de uma reforma, e o seu substituto achava incrível que Fellows tivesse definhado durante tanto tempo como mero sargento.

Então, por que razão Fellows arriscava tudo correndo até Park Lane só porque Mather o chamava? Lera a sua nota com uma excitação crescente, queimara-a e saíra do escritório. Rangeria os dentes com a lentidão do cabriolé alugado até chegar à ombreira da porta do palacete.

Fellows abstivera-se de mencionar aquela viagem ao chefe. Tudo o que tivesse que ver com os Mackenzies era estritamente proibido ao detetive Fellows, mas este refletiu que o que o chefe não sabia não poderia causar dano.

Um mordomo empertigado e de nariz empinado abriu a porta e acompanhou Fellows a uma sala de visitas igualmente empertigada. Alguém atravancara a sala com mesas cobertas por toalhas e obras de arte dispendiosas, incluindo fotografias de pessoas empertigadas em molduras de prata.

A sala de visitas gritava *Nós Temos Dinheiro*, como se viver em Park Lane não garantisse já isso mesmo. Fellows sabia, contudo, que Sir Lyndon Mather vivia alguns apuros. Realizara investimentos voláteis e necessitava de uma grande infusão de dinheiro para

se salvar. Estivera prestes a casar com uma viúva com meios, o que o teria livrado da bancarrota. Mas, dois dias antes, surgira nos jornais a notícia inesperada de que o casamento fora cancelado. Mather devia estar a sofrer com isso.

O mordomo voltou, depois de Fellows ter andado para trás e para a frente durante meia hora, e conduziu-o a uma luxuosa sala de estar do lado oposto do vestíbulo. Mais mesas cobertas de toalhas, bugigangas douradas e pessoas em molduras de prata.

Mather, um homem louro e bonito, a quem os franceses chamariam *debonair*, avançou para ele e estendeu-lhe a mão.

— Bem-vindo, inspetor. Não o convidarei a sentar-se pois calculo que assim que ouvir o que tenho para lhe dizer desejará correr lá para fora e proceder a detenções.

Fellows disfarçou o aborrecimento, pois odiava que outras pessoas lhe dissessem como fazer o seu trabalho. As pessoas vulgares conheciam a Scotland Yard através da ficção ou dos jornais, e em nenhum dos casos ficavam com uma ideia exata.

— Como queira, senhor — respondeu Fellows.

— Lorde Ian Mackenzie partiu para Paris esta manhã, cedo. O meu mordomo soube-o pelo meu criado, que saiu com uma rapariga que trabalhava na cozinha de Lorde Ian. Que lhe parece isto?

Fellows tentou disfarçar a impaciência. Sabia que Ian Mackenzie fora para Paris, porque fazia questão de saber exatamente o que Lorde Ian Mackenzie fazia em todos os momentos. Não estava interessado em bisbilhotices de criados, mas respondeu:

— A sério?

— Ouviu falar do homicídio em Covent Garden a noite passada? — Mather observou cuidadosamente o detetive.

Claro que Fellows sabia do homicídio. O caso não era dele, mas recebera informações naquela manhã. O corpo de uma mulher fora encontrado no quarto da pensão onde vivia, perto da igreja, golpeado com a sua própria tesoura de costura.

— Sim, ouvi falar.

— Sabe quem visitou essa casa a noite passada? — Mather sorriu triunfante. — Ian Mackenzie, eis quem a visitou.

O coração de Fellows disparou, o sangue a pulsar tão quente como quando fazia amor com uma mulher.

— Como sabe isso, senhor?

— Segui-o, eis como. Os malditos Mackenzies pensam que podem ter tudo à maneira deles.

— Andava a segui-lo? Porquê, senhor? — Fellows manteve o tom calmo, mas custava-lhe respirar. *Finalmente, depois de tanto tempo.*

— Porquê, que importância tem isso? Interessam-lhe os por-menos?

Fellows tirou um caderninho do bolso do casaco, abriu-o e retirou um lápis do mesmo bolso.

— Continue.

— Ele entrou na carruagem de madrugada e dirigiu-se a Covent Garden. Parou à esquina de uma rua estreita, pois a carruagem não cabia lá. Desceu a rua a pé, entrou numa casa, ficou cerca de dez minutos e voltou a sair, com pressa. Depois foi para a estação de Victoria e apanhou o primeiro comboio que saiu. Voltei para casa e ouvi o meu mordomo dizer que o Mackenzie partira para França. Então, esta manhã abri o jornal e li sobre o crime. Somei dois mais dois e decidi que, em vez de falar com um jornalista, devia informar a polícia.

Mather exultava como um menino de escola, orgulhoso por fazer queixinhas de outro. Fellows digeriu a informação e juntou-a ao que já sabia.

— Como sabe que Lorde Ian entrou na casa onde o crime foi cometido?

Mather pegou no fraque e tirou do bolso um pedaço de papel.

— Anotei a morada quando o segui. Fiquei a pensar quem teria ido visitar. A sua rapariga, pensei. Queria dar essa informação à Sra.... a outra pessoa.

Entregou o papel a Fellows. *St. Victor Cour*, n.º 23. A mesma morada onde uma antiga prostituta chamada Lily Martin fora encontrada morta ao início da manhã.

Fellows tentou conter a excitação enquanto introduzia o papel entre as folhas do caderno. Há cinco anos que tentava apanhar Ian Mackenzie e talvez este desenvolvimento lho permitisse.

Procurou acalmar-se. Tinha de ser prudente — não podia cometer erros, tinha de assegurar-se de que ficava tudo provado, sem sombra de dúvida. Quando apresentasse as provas ao chefe, tinha de ser algo que os superiores não pudessem menosprezar nem ignorar, que não pudessem ficar quietos, por mais poder que Hart Mackenzie tentasse exercer.

— Se não se importa, senhor — disse Fellows —, mantenha esta informação em segredo, por favor. Eu vou tratar do caso, fique descansado, mas não quero que ele fique de sobreaviso. Está bem?

— Claro, claro. — Mather deu uma palmadinha no nariz e pisou o olho. — Pode contar comigo.

— Porque brigou com ele? — perguntou Fellows, pousando o caderno e o lápis.

Mather fechou os punhos dentro dos bolsos.

— Isso é muito pessoal.

— Teve alguma coisa que ver com o rompimento do seu noivado com a Sra. Ackerley? — Senhora essa que também fora para Paris, algo que Fellows sabia por ter recolhido informações sobre Mather.

Mather ficou escarlate.

— O canalha roubou-ma, mesmo debaixo do meu nariz, contando-lhe um chorralho de mentiras. O homem é uma cobra.

O mais provável era que a senhora tivesse descoberto as saudades que Mather tinha dos velhos castigos físicos na escola. Fellows sabia que Mather mantinha uma casa de meninas onde se entregava a esse género de atividades. O inspetor Fellows gostava de ser meticuloso.

Mather afastou o olhar.

— Não gostava que isto se soubesse. Os jornais...

— Eu comprehendo, senhor. — Fellows também bateu no nariz, imitando Mather. — Ficará entre nós.

Mather anuiu com a cabeça, com as faces ainda vermelhas. Fellows deixou a casa muito bem-disposto e voltou à Scotland Yard para pedir uma licença.

Depois de cinco longos anos, via finalmente uma fresta na armadura que era a família Mackenzie. Ia enfiar o dedo nessa fresta e desfazer aquela armadura.

— Que vexante!

Beth levou o jornal para junto da janela, onde havia mais luz, mas o pequeno anúncio dizia a mesma coisa.

— Que foi, minha senhora? — A sua recém-contratada dama de companhia, Katie Sullivan, uma jovem irlandesa que cresceu na paróquia do marido de Beth, ergueu o olhar das luvas e laços que Beth trouxera de uma boutique parisiense e que ela arrumava. Beth atirou com o jornal e pegou na sacola de artigos de arte.

— Nada de importante. Vamos?

Katie foi buscar agasalhos e chapéus de sol, murmurando lugubremente.

— É um longo caminho por aquela colina acima, para ver a senhora a olhar para uma folha de papel em branco.

— Talvez eu hoje esteja inspirada.

Beth e Katie deixaram a casa apertada que Beth alugara e subiram para a pequena caleche que o criado francês fora buscar. Ela podia pagar uma carruagem grande com cocheiro, mas era frugal por hábito. Não via razão para manter um meio de transporte extravagante de que não precisava.

Hoje conduzia distraída, as mãos enluvadas e nervosas, para grande irritação, quer do cavalo quer de Katie.

O jornal que estivera a ler era o *Telegraph*, de Londres. Também assinava vários jornais de Paris, pois o pai ensinara-a a falar e a ler francês fluentemente, mas gostava de se manter a par do que acontecia no seu país.

O que vexara Beth fora uma história acerca de como os lordes Ian e Cameron Mackenzie quase tinham chegado a vias de facto num restaurante, por causa de uma mulher. A mulher em questão era uma soprano famosa, a mesma que encantara Beth em Covent Garden na semana anterior. Muita gente testemunhara o evento e relatara-o com regozijo aos jornais.

Beth sacudiu as rédeas com impaciência e o cavalo virou a cabeça. Embora Beth não estivesse arrependida de ter recusado a proposta de Lorde Ian, era um pouco irritante saber que ele brigara com o irmão por causa da soprano de seios grandes pouco depois da sua rejeição. Gostaria que ele se sentisse um pouco magoado.

Tentou esquecer a história e concentrar-se em conduzir através das largas avenidas parisienses que se tornaram nas desordenadas ruas de Montmartre. No cimo da colina, arranjou um rapaz para tomar conta do cavalo e da caleche, e caminhou até ao pequeno relvado de que gostava, com Katie a resmungar atrás dela.

Montmartre conservava a atmosfera de uma aldeia, com ruas estreitas e tortuosas, varandas a transbordar de flores estivais e árvores salpicando as encostas até à cidade. Era muito diferente das avenidas largas e dos enormes parques públicos de Paris, e Beth percebia que era essa a razão para os artistas e os seus modelos ali terem acorrido. Além de as rendas serem mais baratas.

Instalou o cavalete no lugar habitual e sentou-se, com o lápis pousado numa folha de papel limpa. Katie deixou-se cair no banco ao lado dela, observando sem interesse os artistas, os pretendentes a artistas e os desocupados que enchiam as ruas.

Era o terceiro dia que Beth se sentava ali, estudando a vista de Paris, o terceiro dia em que a sua folha continuava em branco. Compreendera, após a excitação inicial da compra de lápis, papel

e cavalete, que não fazia a menor ideia de como se desenhava. Mesmo assim, todas as tardes subia a colina e instalava-se. Se não houvesse mais nenhum resultado, pelo menos ela e Katie faziam bastante exercício.

— Acha que ela é modelo de um artista? — perguntou Katie.

Ela apontava com o queixo para uma lindíssima ruiva que passeava com algumas outras senhoras do outro lado da rua. A mulher usava um vestido claro, com uma sobressaia de gaze repuxada para trás, revelando um saiote adornado com laços. Um chapeuzinho muito bem enfeitado com flores e rendas inclinava-se provocadoramente sobre os seus olhos. O guarda-sol combinava com o vestido e ela transportava-o num ângulo sedutor.

Transpirava sedução, e as cabeças viravam-se à sua passagem. Não o fazia de propósito, percebeu Beth com um laivo de inveja. Tudo nela era atraente. Era um encanto para o olhar.

— Não sei — respondeu Beth após uma inspeção geral. — Mas não há dúvida de que é muito bonita.

— Quem me dera ser suficientemente bonita para ser modelo — suspirou Katie. — Não que o pudesse ser. A minha querida e velha mãe chicotear-me-ia até me deixar sem pele. Devem ser senhoras terrivelmente malévolas, as que tiram as roupas para serem pintadas.

— Talvez.

A mulher e as amigas viraram uma esquina saindo de vista.

— E *ele*? Parece um artista.

Beth olhou para onde Katie indicava e imobilizou-se. O homem não tinha um cavalete — reclinava-se num banco, com um pé em cima deste, e observava de mau humor um jovem nervoso que borrava uma tela de tinta. Era um homem grande, que mal cabia no delicado banco de pedra. Tinha cabelos escuros, com toques de vermelho, um rosto quadrado e duro e ombros atraentemente largos.

A respiração de Beth regressou quando percebeu que o homem, afinal, não era Lorde Ian Mackenzie. Porém, era muito

parecido com ele, o mesmo rosto intimidante, o mesmo ar de poder, a mesma tensão nos maxilares. Mas o cabelo daquele homem brilhava num tom mais vermelho à luz do Sol, pois tirara o chapéu e pousara-o no banco.

Era, definitivamente, outro Mackenzie. Ela lera que Hart, o Duque de Kilmorgan, viajara para Roma para tratar de qualquer assunto de Estado, e conhecera Lorde Cameron em Londres, pelo que, por exclusão de partes, aquele devia ser Lorde Mac, o famoso artista.

Como se tivesse sentido o seu escrutínio, Lorde Mac virou a cabeça e olhou diretamente para ela.

Beth corou e desviou rapidamente o olhar para o papel em branco. Com respiração forte, aproximou o lápis da folha e desenhou uma linha desastrada. Deixou-se absorver por essa linha e pela seguinte, até que uma sombra pairou sobre o papel.

— Nada disso — rugiu uma voz profunda.

Beth deu um salto e olhou, por cima de um colete de seda e de uma gravata com um nó descuidado, para uns olhos duros, muito parecidos com os de Ian. A diferença era que os olhos de Mac se fixavam diretamente dela, em vez de se desviarem como um raio de sol esquivo.

— Está a segurar mal o lápis. — Lorde Mac pousou uma enorme mão enluvada sobre a dela e girou-lhe o pulso para cima.

— Parece pouco natural.

— Vai acostumar-se. — Mac sentou-se ao lado dela, ocupando cada centímetro livre do banco. — Deixe-me mostrar-lhe.

Guiou-lhe a mão sobre o papel, sombreando a linha que ela já desenhara até esta parecer uma curva da árvore diante deles.

— Fantástico — disse Beth. — Sabe, nunca tive aulas de desenho.

— Nesse caso, que faz aqui com um cavalete?

— Pensei fazer uma tentativa.

Mac arqueou as sobrancelhas, mas manteve a mão sobre a dela e ajudou-a a desenhar outra linha. Ela percebeu que ele tentava

uma aproximação. Ela encontrava-se sozinha, apenas com uma companhia feminina, olhara descaradamente para ele e estavam em Paris. Ele devia pensar que ela queria uma aventura.

A última coisa de que ela precisava era de uma proposta de outro Mackenzie. Talvez os jornais publicassem notícias de Ian e Mac a lutarem por causa *dela*.

Mas a mão que cobria a sua não lhe causava o mesmo calafrio que a de Ian. Ela sonhava todas as noites com os lábios lentos e sensuais de Ian sobre os dela, e acordava sobressaltada, a suar e enredada nos lençóis, com o corpo dorido.

Olhou de soslaio para Mac.

— Conheci o seu irmão, Lorde Ian, na semana passada em Covent Garden.

Mac olhou-a bruscamente. Os seus olhos não eram tão dourados como os de Ian, mas mais cor de cobre salpicados de castanho.

— Conheceu o Ian?

— Sim. Ele fez-me um favor. Também conheci Lorde Cameron, mas foi muito breve.

Mac semicerrou os olhos.

— O *Ian* fez-lhe um favor?

— Salvou-me de cometer um erro grave.

— Que género de erro?

— Nada que eu deseje discutir no cimo de Montmartre.

— Porque não? Quem diabo é a senhora?

Katie inclinou-se, do outro lado de Beth.

— Que insolência!

— Cala-te, Katie. Sou a Senhora Ackerley.

Mac franziu o sobrolho.

— Nunca ouvi falar de si. Como conseguiu travar conhecimento com o meu irmão?

Katie lançou-lhe um olhar fulminante, com a sua franqueza irlandesa.

— É o raio de uma herdeira, é o que ela é. E o género de dama que não tem de tolerar grosserias de homens como o senhor num parque francês.

— Katie — admoestou Beth suavemente. — Peço perdão, meu senhor.

O olhar penetrante de Mac pousou em Katie, depois voltou a Beth.

— Tem a certeza de que era o Ian?

— Foi-me apresentado como Lorde Ian Mackenzie — disse Beth. — Suponho que poderia ser um impostor com um disfarce excelente, mas isso nunca me ocorreu. — Mac não se mostrou impressionado com o humor dela. — Nunca olhou diretamente para mim.

Mac soltou-lhe a mão, a tensão a aliviar.

— Era o meu irmão.

— Não foi o que ela acabou de dizer? — perguntou Katie.

Mac afastou o olhar, examinando os transeuntes e os pretendentes a artistas tentando transmitir o que viam. Quando voltou a olhar para Beth, ela ficou surpreendida por ver as suas pálpebras húmidas.

— Ponha um açaimo no seu *terrier*, Sra. Ackerley. Diz que não desenha. Gostaria que lhe desse lições?

— Como recompensa pela minha descortesia?

— Serviria para me entreter.

Ela olhou-o com surpresa.

— As pessoas requisitam tanto as suas pinturas! Porque daria lições de desenho a uma principiante como eu?

— Por ser uma coisa diferente. Paris entedia-me.

— Para mim, é bastante excitante. Se o entedia, porque está aqui?

Mac encolheu os ombros, num gesto idêntico ao de Ian.

— Os artistas vêm para Paris.

— Vêm, não é verdade?

Um músculo agitou-se-lhe no queixo.

— Encontro aqui pessoas com verdadeiro talento e tento dar-lhes uma ajuda.

— Não tenho qualquer talento.

— Mesmo assim.

— Ao mesmo tempo, teria a oportunidade de descobrir por que razão Lorde Ian se preocuparia com alguém como eu — sugeriu ela.

Um sorriso abriu-se na expressão de Mac, um tão deslumbrante que Beth imaginou que a maioria das mulheres que o vissem cairiam a seus pés.

— Acha que eu faria uma coisa dessas, Sra. Ackerley?

— Acredito que sim, meu senhor. Mas, muito bem. Aceito.

Mac pôs-se de pé e apanhou o chapéu que pousara no chão.

— Esteja aqui amanhã às duas horas, se não chover. — Inclinou o chapéu para Beth e fez uma pequena vénia. — Bom dia, Sra. Ackerley. E *terrier*.

Pôs o chapéu na cabeça e afastou-se, com o casaco a abanar a cada passada. Todas as mulheres se viraram quando ele passou.

Katie abanou-se com o bloco de desenho de Beth.

— Não há dúvida de que é um homem bem-parecido. Ainda que seja rude.

— Admito que ele é interessante — disse Beth.

Não fazia ideia por que razão o homem queria saber tudo acerca dela, mas tencionava usá-lo para ficar a saber tudo acerca de Lorde Ian.

*És excessivamente curiosa, menina Beth*, dizia-lhe a Sra. Barrington muitas vezes. *Uma característica muito desagradável numa jovem*.

Beth concordava com ela. Jurara que não teria mais nada com a família Mackenzie e ali estava, a aceitar um encontro com Lorde Mac na esperança de obter informações sobre o seu irmão mais novo. Sorriu para si mesma, sabendo que ansiava pela tarde seguinte com demasiado interesse.

Mas, quando Beth reapareceu em Montmartre no dia seguinte, o Sol navegava cintilante no céu, os relógios batiam as duas, e não viu Lorde Mac em parte alguma.

# A MAIORIA DAS MULHERES PRESTARIA ATENÇÃO AOS AVISOS. BETH DECIDIU IGNORÁ-LOS...

Por toda a sociedade londrina correm rumores de que Lorde Ian Mackenzie é louco, que terá passado a sua juventude num asilo, e que não é de confiança, especialmente com senhoras.

Beth é uma jovem viúva, herdeira de uma fortuna, que está outra vez noiva e que deseja voltar a ser tão feliz quanto foi com o primeiro marido. Quando é apresentada a Lorde Ian Mackenzie, este apaixona-se imediatamente e não tem dúvidas de que a quer para si. Procura, então, convencê-la a deixar o noivo e a casar-se consigo.

Beth acaba por se deixar seduzir e decide fazer tudo para ajudar Lorde Ian a superar o sofrimento que carrega, devido a um passado tormentoso.

A partir de então, só uma coisa faz sentido na vida de Beth... a loucura de Lorde Ian Mackenzie.

«Absolutamente brilhante!»

*Eloisa James*

«Uma história de amor e redenção romântica, deliciosamente misteriosa e agradavelmente sexy, que irá cativar os leitores com as suas personagens complexas e o seu enredo cheio de suspense.»

*Booklist*

<b>TOPSELLER</b> os livros em primeiro lugar	ISBN 978-989-8839-02-2
<b>20 20 editora</b>	 9 789898 839022
	Ficção Romântica